

MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROJovem

Emília Maria da T. Prestes¹

Universidade Federal da Paraíba

Alexsandra Carvalho de Sousa²

Universidade Federal da Paraíba / Universidade de Valencia – Espanha

Kelly Ionara Andrade Santana³

Universidade Federal da Paraíba

¹ Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba pelo Departamento de Habilitações Pedagógicas
prestesemilia@yahoo.com.br

² Pedagoga pela Universidade Federal da Paraíba e Mestranda em “Cooperación al Desarrollo” na Universidade de Valencia – Espanha
ale_pedagogy@hotmail.com

³ Pedagoga pela Universidade Federal da Paraíba
kellyionara@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho, centrado na motivação e aprendizagem dos alunos, pretende apresentar uma análise teórico-empírica dessas categorias, como possíveis elementos necessários para se delinear o que motiva os alunos do Programa de Inclusão de Jovens (ProJovem) a voltar a estudar. A partir dessa proposta buscamos saber se a motivação desses jovens está ligada à aceleração da formação, já que em um ano estes concluem o ensino fundamental, facilitando assim o acesso mais rápido ao mercado de trabalho; se a motivação deles é só pela bolsa que recebem, no valor de R\$ 100,00; ou se eles de fato buscaram esse programa visando a sua aprendizagem. Delimitamos como objeto de estudo a motivação ligada aos indicadores de aprendizagem dos alunos jovens que estão incluídos no ProJovem. Constituiu nosso objetivo geral, baseado na proposta/problema, compreender o que motiva os jovens para ingressar nos estudos. Buscamos investigar o papel da aprendizagem na satisfação das necessidades dos educandos jovens; o que propicia um aluno aprender e quais os principais indicadores de aprendizagem. Este foi um estudo de natureza qualitativa, no qual utilizamos entrevistas estruturadas contendo 9 questões. Entrevistamos 10 alunos do ProJovem, confrontando as respostas com o referencial teórico.

Palavras-Chave: Motivação, Aprendizagem, ProJovem.

MOTIVATION AND LEARNING IN THE YOUNG EDUCATION: AN EXPERIENCE WITH PROJÓVEM

ABSTRACT

This work, focusing on motivation and learning of students, aims to present a theoretical and empirical analysis of these categories, as possible elements needed to delineate what motivates the students of the Youth Inclusion Program (PROJOVEM) to go back to school. From this proposal we seek to know if the motivation of these young people is linked to the acceleration of training, since in a year they complete primary school, thereby facilitating faster access to the labor market, if the motivation is only one receiving the scholarship in the amount of \$ 100.00, or if they actually tried this program to your learning. Defined as the object of study motivation linked to indicators of student learning that young people are

included in PROJOVEM. It was our general goal, based on proposal / problem, understanding what motivates young people to enter the studies. We investigate the role of learning in meeting the needs of young learners, which makes a student learn and what the main indicators of learning. This was a qualitative study, which used structured interviews with 9 questions. We interviewed 10 students of the PROJOVEM, and a final step, we made the analysis of data, which were confronted with the theoretical framework.

Key Words: **Motivation, learning, ProJovem.**

INTRODUÇÃO

A temática motivação e aprendizagem dos educandos irá ser o enfoque principal desse artigo. Iremos apresentar uma análise teórico-empírica dessas categorias, como possíveis elementos necessários para se delinear o que motiva os educandos do Programa de Inclusão de Jovens (ProJovem) a voltar a estudar. O tema desse artigo é fruto de uma pesquisa realizada em um trabalho de conclusão de curso.

Neste sentido, tratamos de investigar a relação existente entre a motivação dos educandos do ProJovem⁴ e suas necessidades de aprendizagem. A partir dessa proposta buscamos saber se a motivação desses jovens está ligada à aceleração da formação, já que em um ano estes concluem o ensino fundamental, facilitando assim o acesso mais rápido ao mercado de trabalho; se a motivação deles é só pela bolsa que recebem, no valor de R\$ 100,00; ou se eles de fato buscaram esse programa visando a sua aprendizagem.

Nesta pesquisa, delimitamos como objeto de estudo a motivação ligada aos indicadores de aprendizagem dos educandos jovens que estão incluídos no ProJovem. Constituiu nosso objetivo geral, baseado na proposta/problema, compreender o que motiva os jovens para ingressar nos estudos. Buscamos também investigar o papel da aprendizagem na satisfação das necessidades dos educandos jovens na EJA.

Partimos da hipótese de que a motivação para freqüentar os estudos se relaciona com a satisfação de necessidades de aprendizagem. Mas, a motivação por

⁴ Entrevistamos os alunos matriculados no ProJovem da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, situada no bairro dos Bancários.

si mesma, não é condição suficiente para mudar estados de indivíduos – de uma situação de não estar habilitado para o mundo do trabalho para outra de ter adquirido competências para tal. Portanto, entendemos que para o professor ser um mediador entre as necessidades cotidianas e propiciar aprendizagem dos seus educando jovens, se faz necessário que estes tenham competências pedagógicas, competências de socialização e de interação capazes de motivar estes indivíduos a aprender.

Segundo Prestes (2007, p.25) “quando coincide haver interações (consenso) entre as competências individuais e coletivas – uma ação dialógica - envolvendo as diferentes competências dos agentes envolvidos, existe maior possibilidade de haver transformação e uma nova auto-organização: a aprendizagem”. Por outro lado é importante perceber que,

a aprendizagem, por si mesma, não garante o atendimento das necessidades motivacionais. Uma pessoa pode adquirir novas competências (aprendizagem) sem que estas, estejam efetivamente sendo utilizado na contemplação das necessidades cotidianas, objeto de motivação para o estudo e para a aprendizagem, como por exemplo, aplicar a leitura e escrita aprendida para melhorar o trabalho ou nas orientações no espaço urbano. (ibdem, p.30)

Entendemos também que os comportamentos que levam à satisfação de uma necessidade também são resultantes da aprendizagem. A motivação fornece energia para a ação e torna o indivíduo receptivo a certos estímulos. A aprendizagem, por sua vez, é responsável pelo aparecimento das atividades adequadas para a satisfação das necessidades, como por exemplo, continuar estudando para satisfazer a necessidade de se qualificar para o mundo competitivo do trabalho.

Diante deste cenário, iremos inicialmente falar um pouco das políticas públicas voltadas para a juventude situando o Projovem como política de inclusão de jovens no processo de escolarização; depois aprofundar estudos e reflexões sobre os conceitos de motivação e aprendizagem; logo após iremos contextualizar a nossa temática, com resultados e análises da pesquisa.

Acreditamos que esse trabalho contribuirá de forma significativa para melhor conhecer a realidade de muitos jovens e suas condições, como sujeitos de aprendizagem. Além disso, nosso trabalho busca desenvolver ações relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, de maneira que este tripé possa contribuir para práticas pedagógicas mais democráticas e inclusivas, propiciando oferecer informações sobre as aprendizagens dos educandos, um dos grandes desafios da contemporaneidade.

O PROJÓVEM: PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária - ProJovem é componente estratégico da Política Nacional de Juventude, do Governo Federal. Foi implantado em 2005, sob a coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República em parceria com o Ministério da Educação, o Ministério do Trabalho e Emprego e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Seus destinatários são jovens de 18 a 24 anos que terminaram a quarta série, mas não concluíram a oitava série do ensino fundamental e não têm vínculos formais de trabalho. Aos participantes, o ProJovem oferece oportunidades de elevação da escolaridade; de qualificação profissional; e de planejamento e execução de ações comunitárias de interesse público. Por meio do curso, proporciona formação integral com carga horária de 1600 horas (1200 h. presenciais e 400 h. não-presenciais) desenvolvidas em 12 meses consecutivos e inclui disciplinas do ensino fundamental, aulas de inglês, de informática, aprendizado de uma profissão e atividades sociais e comunitárias de forma integrada. Cada aluno, como forma de incentivo, recebe um auxílio de R\$ 100,00 (cem reais) por mês, desde que tenha 75% de frequência nas aulas e cumpra com as atividades programadas.

O ProJovem obteve parecer favorável da Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, como um curso experimental, com base no artigo 81, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dessa forma, a certificação

de conclusão do ensino fundamental, como na qualificação profissional (formação inicial) fica viabilizada.

As finalidades do ProJovem são,

proporcionar formação integral ao jovem, por meio de uma associação entre: elevação da escolaridade, tendo em vista a conclusão do ensino fundamental; qualificação profissional com certificação de formação inicial; e desenvolvimento de ações comunitárias de interesse público. (BRASIL, 2006)

O Programa contribui especificamente para a re-inserção do jovem na escola, a identificação de oportunidades de trabalho e capacitação, a identificação, elaboração de planos e o desenvolvimento de experiências de ações comunitárias e a inclusão digital como instrumento de trabalho e comunicação.

O programa assume ao mesmo tempo um caráter emergencial - pois atende a um segmento que tem necessidade de chegar ainda jovem ao ensino médio - e caráter experimental, no curso de formação, ao basear em novos paradigmas sua proposta curricular que trata de forma integrada a formação geral, a qualificação profissional e o engajamento cívico.

MOTIVAÇÃO: FORÇA PROPULSORA DAS AÇÕES HUMANAS

A motivação é um conceito central para a compreensão do comportamento humano. É a mola real que faz as pessoas movimentarem-se com gosto e desempenhar os seus papéis da melhor maneira possível. A motivação não é observável diretamente, apenas podemos perceber comportamentos das pessoas e o resultado desses comportamentos.

De acordo com Maria Aparecida Cória-Sabini (2000, p.83), “motivação é a força propulsora da conduta. É a condição interna que ativa o indivíduo e o predispõe a emitir certas respostas.” Essa condição tem origem numa tensão ou desequilíbrio resultante de uma necessidade fisiológica ou psicológica. As ações de um indivíduo são tentativas de satisfazer suas necessidades ou são reações a frustrações resultantes de não satisfação dessas necessidades. Um comportamento não ocorre por acaso; ao contrário, tem sempre uma finalidade.

O fato de o comportamento atender a uma necessidade não limita a amplitude nem a variedade de ações que um indivíduo pode apresentar, pois a todo momento ele tem uma multiplicidade de motivos ou objetivos. Esses motivos, ou melhor, objetivos são os alvos específicos por meio dos quais um indivíduo elimina as tensões provenientes da motivação.

A conscientização de uma necessidade, por um indivíduo, leva à colocação de objetivos ou alvos a serem atingidos. Assim, conseguir um bom emprego e ser competente no exercício dele é um objetivo que muitos jovens e adultos têm e é exatamente nas salas de Jovens e adultos que muitos deles satisfazem essa necessidade.

Segundo Birch e Veroff (1970, p.37) “o estudo da motivação é uma busca de explicações para alguns dos mais intrincados mistérios da existência humana: suas próprias ações.” Esse entendimento nos remete a perceber a motivação como um tema amplo e de difícil entendimento, tendo em vista a diversidade de comportamentos e reações do ser humano.

Para Vernon (1973, p.53) “a motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes.” Uma pessoa é motivada, em qualquer momento, por uma variedade de fatores internos e externos. A força de cada motivo e padrão de motivos influem na maneira como vemos o mundo, nas coisas em que pensamos e nas ações em que nos empenhamos.

A motivação é um dos principais fatores determinantes do modo como uma pessoa se comporta. A motivação está envolvida em todas as espécies de comportamento: aprendizagem, desempenho, percepção, atenção, recordação, esquecimento, pensamento, criatividade e sentimento. (MURRAY, 1973)

A motivação, nesse sentido significa predispor-se com um comportamento desejado para determinado fim e os motivos ativam o organismo na tentativa de satisfazer suas necessidades e dirigem o comportamento para um objetivo que suprirá uma ou mais necessidades.

Os autores que se preocupam com o objeto da motivação consideram que as pessoas têm necessidades interiores (são motivadas por fatores internos) que são uma fonte de energia que mobiliza o comportamento (ação) no sentido da sua satisfação. Depois de satisfeita a necessidade, o comportamento deixa de ser estimulado, dado que o indivíduo atingiu o estado de equilíbrio. Isto é, as

necessidades motivam enquanto não estão satisfeitas, uma vez satisfeitas deixam de motivar o comportamento.

APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um processo que ocorre constantemente em nossas vidas, por isso qualquer atividade que fazemos pode levar a uma aprendizagem. Segundo Libâneo (1994, p.81), desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda. Um bebê aprende a diferenciar vários barulhos, aprende a usar um brinquedo, a andar; já uma criança aprende a jogar futebol, a mexer no computador e a lidar com as coisas; e um jovem ou adulto aprende processos mais complexos de pensamento, aprende uma profissão, adquirem opiniões próprias etc. Portanto, as pessoas estão sempre aprendendo, em casa, na rua, na escola, no trabalho, nas variadas experiências da vida.

Para entendermos mais sobre aprendizagem, levantamos alguns conceitos sobre ela. Para Libâneo (1994, p.84), “aprendizagem é uma relação cognitiva entre o sujeito e os objetos de conhecimento”. Para ele, existe a aprendizagem casual e a organizada. A aprendizagem casual “é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação entre pessoas e com o ambiente em que vivem” e a aprendizagem organizada “é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência social”. Libâneo também mostra que há dois níveis de aprendizagem humana: o reflexivo e o cognitivo. Para ele, o nível reflexivo, “se refere às nossas sensações pelas quais desenvolvemos processos de observação e percepção das coisas e nossas ações motoras (físicas) no ambiente” e o nível cognitivo se refere a aprendizagem de determinados conhecimentos e operações mentais, caracterizada pela apreensão consciente, compreensão e generalização das propriedades e relações essenciais da realidade, bem como pela aquisição de modos de ação e aplicação referentes a essas propriedades e relações.

Na obra de Vygotsky, é enfatizada a importância dos processos de aprendizagem, pois para ele, desde o momento do nascimento da criança, a aprendizagem se relaciona ao desenvolvimento e como explicita Oliveira (2002, p.33) a aprendizagem é “um aspecto necessário e universal do processo de

desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizados e especificamente humanas”.

É o aprendizado que possibilita o desabrochar dos processos internos de desenvolvimento, pois é através das relações e interações do indivíduo com o ambiente cultural que os processos de aprendizagem ocorrem.

A aprendizagem, para Vygotsky (1984), “é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores e etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas”.

Para ele, existem pelo menos dois níveis de desenvolvimento: um real, já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria; um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa. A aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo a abertura nas zonas de desenvolvimento proximal.

O nível de desenvolvimento real (NDR) se refere às etapas já alcançadas pelo indivíduo. As funções psicológicas que fazem parte do nível de desenvolvimento real da criança em determinado momento de sua vida são aquelas já bem estabelecidas naquele momento.

Para compreendermos adequadamente o desenvolvimento devemos considerar não só o nível de desenvolvimento real do indivíduo, mas também o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, “a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes” (OLIVEIRA, 2002, p.34)

A zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é compreendida como a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através das soluções independentes dos problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação ou colaboração. Essa zona corresponde ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornaram funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real.

Na escola, o processo de ensino-aprendizagem deve ser construído tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real do educando, ou seja, aquilo que Paulo Freire chamava de “conhecimentos prévios” e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola. O percurso a ser seguido nesse processo deverá ser observado e considerado as possibilidades dos educandos, isto é, o nível de desenvolvimento potencial.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este foi um estudo de natureza qualitativa. Segundo Gonsalves (2001, p 68),

a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.

Inicialmente realizamos uma revisão bibliográfica, mapeando o que já foi e está sendo estudado acerca das Políticas Públicas de Juventude, motivação e aprendizagem. Realizamos a revisão da literatura em formato digital, nos sites que abordam o nosso objeto de estudo, tais como os da Anped, CNPq e demais órgãos de pesquisa, bem como, através de livros, pesquisas, dissertações, teses e dados estatísticos nos institutos de pesquisas competentes.

Através do aprofundamento das análises e reflexões teóricas sobre os temas abordados, levantamos referências que nos ajudaram a compreendê-los. De posse desses conhecimentos, utilizamos entrevistas estruturadas, nas quais “o entrevistador quer ter a certeza que faz as mesmas perguntas para cada informante, sendo estas claramente definidas” (SOUZA, 2005, p.2). Entrevistamos 10 educandos do ProJovem⁵, buscando conciliar a teoria com os dados empíricos e, numa etapa final, fizemos a análise dos dados, os quais foram confrontados com o referencial teórico trabalhado. O instrumento utilizado é formado de 9 questões que tinham como ponto central identificar a motivação dos educandos para a volta aos estudos. O roteiro da entrevista e as transcrições encontram-se, na íntegra, no apêndice.

Neste sentido, elencamos algumas categorias que pudessem sistematizar as questões feitas nas entrevistas. A primeira categoria diz respeito a Motivação e Aprendizagem, a qual tratará das questões um, cinco, seis e sete. A segunda categoria, que é a Juventude e escolarização abordará as questões dois, três, quatro e oito. E a última categoria reporta-se sobre o Projóvem como política de

⁵ Esse número de entrevistados foi definido devido a complexidade da análise dos dados. Para garantir o anonimato dos entrevistados utilizaremos letras do alfabeto para identificá-los.

escolarização e/ou aprendizagem, a qual ficará responsável pela questão nove. A seguir iremos falar sobre essas categorias e fazer as análises das entrevistas.

MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM

O incentivo à aprendizagem é o conjunto de estímulos que despertam nos educandos a sua motivação para aprender, de forma que as suas necessidades, interesses, desejos, sejam canalizados para as tarefas de estudo. Todas as nossas ações são orientadas para atingir objetivos que satisfaçam as nossas necessidades fisiológicas, emocionais, sociais e de auto-realização. A motivação é, assim, o conjunto das forças internas que impulsionam o nosso comportamento para objetivos e cuja direção é dada pela nossa inteligência. (CÓRIA-SABINI, 2000) Entretanto as forças internas do nosso organismo são condicionadas por forças externas que modificam o direcionamento da nossa motivação. Chamamos de forças externas o ambiente social: a família, as relações sociais nas quais estamos envolvidos, os valores culturais dos diversos grupos sociais, os meios de comunicação e, evidentemente, a escola e os professores. Relacionado a essa discussão, ao entrevistarmos o educando A sobre o que o motivou a voltar a estudar, o mesmo revelou que a sua participação em um grupo social contribuiu de forma relevante para seu retorno aos estudos:

Primeiramente eu entrei num curso que é chamado Pé na Rua e é promovido pela Universidade Federal, junto com PNUD (...) e daí foi que me motivou a estudar, porque quando eu saí de lá eu já saí com minha empresa montada e não sabia muito “mexer” com contas e aí eu tive que voltar a estudar. Só que, nesse meio tempo que eu quis voltar a estudar, apareceu a oportunidade do Projóvem. Aí eu liguei, esperei o retorno, aí recebi o retorno e hoje estou aqui, tanto por voltar a estudar e pelo 100 reais que já é uma ajuda muito boa. (Educando A)

Além do envolvimento em práticas sociais, como um fator externo motivador, outros educandos revelaram como motivo para regressar aos estudos as seguintes respostas:

O que me motivou a voltar a estudar foi a necessidade de mais pra frente ter um emprego bom, né, porque com estudo nós temos um bom emprego. (Educando B)

Foi pra acelerar mais os estudos, porque eu tava na 7ª, aí terminar mais rápido o estudo, aí concluir o ensino médio e depois entrar numa faculdade. (Educando C)

Me motivou porque assim, eu não tinha nada pra fazer em casa, tava parado assim aí meu pai pediu pra eu estudar pra eu ter um futuro bom. (Educando D)

É a dependência financeira, não depender dos meus pais me motivou a voltar a estudar e também por causa de emprego, eu trabalho e tá dificultando o meu trabalho que eu trabalho num escritório mobiliário aí dificulta eu preciso ter o 2º grau, eu entrei no ProJovem pra concluir logo meus estudos. (Educando E)

Foi porque eu quero um futuro melhor pra mim, acho que quando eu tava sem estudar tava atrapalhando minha vida e meu futuro depois. (Educando F)

Para Libâneo (1994, p.111), “a motivação influi na aprendizagem e a aprendizagem influi na motivação”, de forma que na prática da sala de aula, o que leva jovens a perderem o interesse e o gosto pelo estudo? Isso acontece porque muitas vezes a seqüência dos objetivos e dos conteúdos transmitidos não são percebidos pelos mesmos e as aulas geralmente não são atrativas, não se ligam aos conhecimentos e experiências que estes possuem.

Estimular os alunos para o estudo é fazer com que a atenção e a atitude para o estudo sejam despertadas, a motivação para as tarefas, o empenho que mostram frente à explicação da matéria e dos exercícios dependem da atuação direta e permanente do professor em motivar seus educandos.

A incentivação está ligada às peculiaridades do conteúdo e ao grau em que o professor consegue incitar o trabalho mental, é necessário auxiliar os educandos nas habilidades e métodos próprios de resolver tarefas e exercícios. Esses esforços em despertarmos a necessidade do saber e o interesse pelo estudo não deve excluir a organização de condições objetivas de direção da classe. O ensino é uma

exigência social, cumpre finalidades explícitas de transmissão de conhecimentos e de desenvolvimento intelectual dos educandos.

Perrenoud (2000) afirma que para o educando progredir é preciso colocá-lo em situação de aprendizagem, situação que tenha sentido para ele, que o envolva e o mobilize. Contudo, para o autor isso é difícil, pois em uma mesma sala de aula existem alunos que não têm o mesmo nível de desenvolvimento; que não possuem os mesmos conhecimentos prévios; não têm a mesma relação com o saber; não possuem os mesmos interesses; não possuem os mesmos recursos e não têm a mesma maneira de aprender.

Neste sentido, o educador deve saber trabalhar com uma diversidade de educandos, cada qual no seu nível de desenvolvimento, com seus conhecimentos prévios específicos, com uma relação diferente com o saber, com interesses diferentes, com recursos diferentes, e com maneiras de aprender diferentes. Assim é uma turma em uma sala de aula.

Ao indagarmos os educandos se a forma como os professores ministram as aulas facilita no seu aprendizado, obtivemos respostas como:

Facilita porque eles estão usando uma linguagem muito fácil, usam DVD, CD, computador, tudo que hoje em dia está no convívio da gente. (Educando A)

Facilita mais ou menos porque tem coisa assim que eu não pego, assim pode explicar mais não entra, na sala, mas se eu chegar em casa pra mim fazer sozinha, ai eu faço tudo sozinha, é porque aqui é pouco tempo de aula pra aprender. (Educando B)

Acho que facilita no aprendizado sim, eles ajudam até demais. (Educando C)

Facilita, ensina muito bem os professores. (Educando D)

Facilita muito mesmo, eles explicam bem direitinho mesmo e tem muita paciência. (Educando E)

*Com certeza, estamos tendo bastante facilidade com o aprendizado.
(Educando F)*

Encarregar-se de cada educando pessoalmente é impossível, e não é o que desejamos, diz Perrenoud, pois não basta estar totalmente disponível para o educando, é preciso compreender o motivo de suas dificuldades de aprendizagem e saber como superá-las. E além do mais, certas aprendizagens só ocorrem graças a interações sociais, por visar competências de comunicação, de coordenação, ou pelo fato da interação ser indispensável para provocar aprendizagens que passem por conflitos cognitivos ou que exijam formas de cooperação.

A respeito do assunto referido, perguntamos quais eram as dificuldades enfrentadas pelos educandos logo que voltaram a estudar. A maioria dos educandos entrevistados respondeu que a maior dificuldade era o entrosamento com os colegas e professores, mas com o passar dos meses, com os cursos e aulas participativas, essas dificuldades foram trabalhadas. Como muitos desses educandos passaram anos sem freqüentar a escola, revelaram que tiveram dificuldades de entender alguns assuntos, principalmente matemática e ciências.

Para Perrenoud (2000) o primeiro passo para a aprendizagem é a motivação. Muitos educandos quase não têm projetos pessoais e é difícil propor-lhes um. É preciso suscitar no aluno o desejo de aprender; explicitar a relação com o saber e o sentido do trabalho escolar; desenvolver no educando a capacidade de auto-avaliação; criar um conselho de educandos e negociar com eles diversos tipos de regras e de contratos; oferecer atividades opcionais de formação; favorecer a definição de um projeto pessoal do educando.

O autor citado acima afirma que para isso o professor tem que ter certo domínio dos fatores e dos mecanismos sociológicos, didáticos e psicológicos, além de habilidades no campo da transposição didática, das situações, das competências, do trabalho sobre a transferência dos conhecimentos. O professor precisa estar pronto a escutar os educandos, a ajudá-los a formular seu pensamento e ouvir suas declarações. Precisamos fazer da diversidade de atividades uma regra de nosso dia a dia. O professor precisa primeiro identificar os projetos pessoais existentes, valorizá-los e reforçá-los de forma a encorajar o educando, tendo em vista que este projeto não precisa necessariamente ser completo, coerente e estável. Os projetos

são frágeis, nem sempre racionais, nem sempre justificáveis, mas são os verdadeiros motores de nossa ação.

Também perguntamos aos educandos quais eram os pontos positivos com a volta aos estudos e obtivemos diferentes opiniões como:

Pra mim, assim meu pai já me ver com outros olhos né, a família, minha esposa, que agora ela passou pra secretariado bilíngüe, ela queria que eu voltasse a estudar de todo jeito e eu acabei voltando, então ela já ta me vendo com outros olhos, vendo que eu estou querendo alguma coisa com a vida, que meu negócio ta dando certo e batalhar. (Educando A)

Foi aprender a ler mais e fazer uma carta e o professor César que ele ensina muita a escrever, ele faz, ele pede pra gente fazer uma carta, um exemplo, aí a gente escreve aí ele depois diz se ta certo ou errado, a gente aprende muito sobre o que a gente errou coloca as virgulas, e os pontos no lugar certo. (Educando B)

Aprendi a falar, a se comportar mais, falar bem com o pessoal. (Educando C)

Há muitos, porque como eu falei tem uns cursos aqui muito bom, muito melhor do que ficar em casa e eu to aprendendo, e é isso que eu quero aprender cada vez mais, porque o mundo ta com as tecnologias cada vez mais avançadas e eu quero ta seguindo pra frente. (Educando D)

Meu pensamento mudou com relação a cidadania. (Educando E)

Melhorou bastante, porque eu to me relacionando mais com os estudos, me dedicando mais, com a família também, porque quando a gente não ta estudando a família “há essa menina é preguiçosa, não estuda, é desleixada, não vai ter futuro melhor...” (Educando F)

As idéias da mente incorporada favorecem, ademais, o reconhecimento de que a aprendizagem pode ser mais bem sucedida em ambientes humanos mais flexíveis e atraentes, emocionalmente mais dinâmicos. Por isso, não segue que aprendemos apenas o que nos dá prazer, mas certamente que aprendemos melhor o que nos dá prazer; parte importante do processo de aprendizagem pode ser vista como estratégia motivadora para que coisas difíceis, penosas, cansativas possam ser visualizadas como algo que vale a pena, cujo sofrimento pode, ao final das contas, se reverter em alegria do bom combate; este horizonte valoriza sumamente a percepção comum, segundo a qual fazemos melhor nosso trabalho quando gostamos dele.

Portanto, as opiniões apresentadas mostram que os jovens entrevistados se interessam com a interpretação que a família faz da escola e também manifestam como pontos positivos o relacionamento educador - educando, bem como os conhecimentos adquiridos no estudo, além da integração na sociedade que o torna um cidadão crítico. Vimos também, que um dos fatores motivadores dos jovens foi a necessidade de uma certificação em curto prazo para o ingresso e a permanência no mercado de trabalho.

JUVENTUDE E ESCOLARIZAÇÃO: PAPEL DA APRENDIZAGEM NA SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES DOS EDUCANDOS

A forma pela qual os jovens satisfazem habitualmente suas necessidades é aprendida. As necessidades são relativamente específicas, mas os objetivos propostos para a sua satisfação variam de pessoa para pessoa e, na mesma pessoa, de época para época.

Os comportamentos que levam à satisfação de uma necessidade também são resultantes da aprendizagem. A motivação, portanto, fornece a energia para a ação e torna o indivíduo receptivo a certos estímulos ambientais. A aprendizagem, por sua vez, é responsável pelo aparecimento das atividades adequadas para satisfação das necessidades.

A motivação, segundo Cória-Sabini (2000) tem um aspecto cíclico. Em primeiro lugar, aparece uma necessidade que se manifesta através de estimulação interna específica. Em segundo lugar, há a ocorrência de ações que visam atingir

um objetivo. Uma vez atingido esse objetivo, segue-se o alívio e a diminuição da tensão. Esse alívio é temporário e depois de algum tempo o ciclo recomeça.

A todo momento o indivíduo tem múltiplas necessidades a serem satisfeitas e várias formas para satisfazê-las. Como não podem satisfazer todas ao mesmo tempo, nem alcançar diferentes objetivos de uma só vez, ele obrigatoriamente deve ser seletivo e hierarquizar suas necessidades.

Com relação aos educandos entrevistados, buscamos saber quanto tempo eles ficaram sem estudar e podemos constatar que a maioria deles estavam ausentes da escola há mais de um ano. O que ocorreu com os educandos entrevistados revela o que foi explicitado no parágrafo anterior, pois quando viram que não poderiam satisfazer a necessidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo optaram por apenas uma dessas atividades. Neste sentido, indagamos aos educandos o porquê da escolha de estudar no Projóvem e obtivemos as seguintes respostas,

...foi a rapidez com que eu termino o ano, porque próximo ano eu já vou fazer outro supletivo que já é o do ensino médio, porque a minha idade já ta avançada, (...). Além de ser público, eu achei melhor entrar no projóvem devidos aos atos que tem profissionalizantes, inclusive eu até sair agora de um curso de audiovisual, que fiz um documentário sobre anabolizante aqui em João Pessoa, que foi apresentado até no dia temático, que foi lá na universidade, no sábado. (Educando A)

O Projóvem me motivou porque eu pretendo concluir logo meu Ensino Médio é um curso que em um ano você conclui quatro, então o que me motivou foi isso. (Educando B)

Porque um amigo meu fez o ano passado e assim ele estudou mesmo e disse que vale a pena que realmente ele aprendeu muita coisa. (Educando C)

Porque ele é muito bom e ensina 2 matérias a mais que é qualificação comunitária e qualificação profissional. (Educando D)

Por causa dos cursos, assim eu tava fazendo curso de computação lá no UNIPê, mas só que eu não aprendi nada e aqui eu já aprendi um bocado de coisa, já aprendi a mexer em tudo, botar a pontuação, porque assim na hora do emprego precisa mais disso (Educando E)

Porque o período do ensino da 5ª até a 8ª é bem mais rápido e pelo certificado. (Educando F)

Através dessas respostas e tendo em vista que o Programa referido oferece uma bolsa, vimos que as respostas da maioria dos educandos entrevistados aponta que a bolsa não constituiu o interesse principal para o ingresso no ProJovem, mas sim a necessidade de concluir o ensino fundamental mais rápido, já que eles não concluíram esse nível de ensino na idade própria. Além disso, os educandos que responderam que ingressaram nesse Programa devido à bolsa revelaram que a mesma os auxiliava nas despesas com transportes, materiais, filhos etc.

Um educando jovem ou adulto, que muitas vezes trabalha o dia todo, às vésperas de uma prova difícil pode ter necessidade de repouso. Como também pode ter a necessidade de ser aprovado, ele pode estudar durante a noite inteira para obter uma boa nota. Sua conduta mostra que o sucesso nos estudos é o objetivo mais importante naquele momento.

Para que uma aprendizagem se torne significativa e satisfaça as necessidades de um educando jovem, é necessária a disponibilidade para o envolvimento desse educando na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em usar os instrumentos adequados que conhece e dispõe para alcançar a maior compreensão possível. Essa aprendizagem exige uma ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos, de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais, uma educação em que o “tipo de ensino se caracteriza pela presença de um professor depositante e um aluno depositário da educação” (FREIRE, 2004, p. 76).

A aprendizagem depende de uma motivação intrínseca, isto é, o educando precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender. Isto implica em que,

A disposição para aprendizagem não depende exclusivamente do aluno, demanda que a prática didática garanta condições para que essa atitude favorável se manifeste e prevaleça. Primeiramente, a expectativa que o professor tem do tipo de aprendizagem de seus alunos fica definida no contrato didático estabelecido. Se o professor espera uma atitude curiosa e investigativa, deve propor prioritariamente atividade que exijam essa postura, e não a passividade. Deve valorizar o processo e a qualidade, e não apenas a rapidez na realização. Deve esperar estratégias criativas e originais e não a mesma resposta de todos. (PCNs, 2001, p. 99)

Nesse enfoque de abordagem da aprendizagem, o professor precisa buscar um equilíbrio entre as necessidades da aprendizagem e o exíguo tempo escolar, coordenando-o para cada proposta que encaminha.

Desta forma, procuramos saber se a metodologia dos professores do ProJovem acompanhava o nível dos educandos, visto que, muitos desses alunos estavam ausentes do convívio escolar durante muito tempo. Os educandos responderam que,

Vai de acordo com o nível, só que eles nem forçam demais, mas só que tem que forçar porque são 4 anos em 1 só, todo dia tem trabalho pra você levar pra casa, todo dia tem tarefa. (Educando A)

Vai de acordo, cada mês vai passando as tarefas e os trabalhos que tem que ser entregues. Ta dando pra levar, aí só não leva quem não quer. (Educando B)

Acho normal como todos os colégios, incluindo as duas matérias novas. (Educando C)

Algumas coisas sim, vai num nível que eu sei, porque apesar de eu ter deixado de estudar, mas eu ando muito, viajo muito e trabalho muito então isso faz com que eu aprenda as coisas lá fora entende? Mesmo assim dificulta um pouco ainda, ainda fico as vezes enrolada com os

assuntos, não dá pra entender as vezes as coisa que os professores explicam. Mas explicam bem, eles explicam até 2 vezes até se você não entender. (Educando D)

O outro fator que interfere na disponibilidade do educando para a aprendizagem é a unidade entre escola; sociedade e cultura, o que exige trabalho com objetos socioculturais do cotidiano extra-escolar, como por exemplo, jornais, revistas, filmes, instrumentos de medida e etc. sem esvaziá-las de significado, ou seja, sem que percam sua função social real contribuindo assim, para imprimir sentido às atividades escolares.

A concepção adotada pela Conferência de Jomtien sobre as necessidades educativas fundamentais diz respeito a que

Toda a pessoa – criança, adolescente ou adulto – deve poder beneficiar-se de uma formação concebida para responder as suas necessidades educativas fundamentais. Estas necessidades dizem respeito tanto aos instrumentos essenciais de aprendizagem (leitura, escrita, expressão oral, cálculo, resolução de problemas), como aos conteúdos educativos fundamentais (conhecimentos, aptidões, valores e atitudes) de que o ser humano tem necessidade para sobreviver, desenvolver todas as suas faculdades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente no desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua existência, tomar decisões esclarecidas e continuar a aprender.

Neste sentido, quando o sujeito está aprendendo, se envolve inteiramente. O processo, assim como seu resultado, repercute de forma global. Assim, o educando, ao desenvolver as atividades escolares aprendem não só sobre o conteúdo em questão mais também sobre o modo como aprendem, construindo uma imagem de si como estudante. Essa auto-imagem é também influenciada pelas representações que o professor e seus colegas fazem dele e, de uma forma ou de outra, são explicitadas nas relações interpessoais do convívio escolar.

Aprender é uma tarefa árdua, na qual se convive o tempo inteiro com o que não é conhecido. Para o sucesso da empreitada, é fundamental que exista uma

relação de confiança e respeito mútuo entre educador e educando, de maneira que a situação escolar possa dar conta de todas as questões de ordem afetiva, cognitiva e que satisfaça os anseios dos educandos.

Quando perguntamos sobre as expectativas com o curso e o que os educandos esperavam ao concluí-lo, tivemos as seguintes respostas,

Minhas expectativas é que durante esse ano, antes de acabar eu faça muitas amizades, mas principalmente aprenda muita coisa com os arcos e que eu sai daqui já pronto pra fazer uma prova pra entrar no CEFET. Eu quero fazer "Design" eu já trabalho com design gráfico, quero fazer design pra me especializar melhor. (Educando A)

Eu espero que eu tenha realmente aprendido direitinho e assim como alguns professores já falaram tem aula profissionalizante até pra ver se eu me encaixo em alguma área. (Educando B)

Terminar o 1º, 2º, 3º ano e tentar fazer uma faculdade. (Educando C)

Terminar o ensino médio e depois fazer uma faculdade e depois um emprego concerteza. (Educando D)

Se eu aprender mesmo, ir pra frente, fazer mais cursos, fazer o ensino médio e fazer uma faculdade. (Educando E)

Eu espero que depois tenha o Projovem de 2º grau certo, pra mim terminar mais rápido que isso é uma oportunidade única que todos os jovens deveriam aproveitar mais essa oportunidade, não brincar, não ficar fazendo palhaçada, porque isso é uma coisa séria, isso é uma ajuda que colégio normal não tem isso, a gente ainda ta ganhando uma gratificação pra estudar, aqui não tem isso não gratificação pra estudar, ninguém ganha dinheiro pra estudar, então isso é muito bom, já ajuda. Então pro futuro, espero terminar o 2º grau no projovem espero e fazer mais cursos e outras coisas mais. (Educando F)

Quando concluir, eu quero ir pra universidade, fazer um supletivo do ensino médio e terminar mais rápido possível. (Educando G)

Podemos perceber que os educandos buscam corresponder às expectativas de aprendizagem, desde que haja um clima favorável de trabalho, uma relação interativa e integrada entre professor e o educando, de maneira que este satisfaça suas necessidades e atinja suas expectativas.

O PROJovem COMO POLÍTICA DE ESCOLARIZAÇÃO E/OU APRENDIZAGEM

O Projovem surge como uma política de escolarização de jovens, visando à integração entre educação fundamental, qualificação profissional e ação comunitária. O curso é organizado em Unidades Formativas que possibilita estar em constante construção e é articulado em torno de um eixo estruturante, de instrumentais conceituais e de ações curriculares.

Em cada unidade, o eixo estruturante corresponde a uma situação – problema relacionado à vida cotidiana dos jovens envolvidos nesse programa. Os instrumentais conceituais indicam claramente a perspectiva de abordagem da situação-problema. As ações curriculares visam superar a organização de disciplinas estanques.

As unidades formativas englobam temáticas como: juventude e as práticas de ocupação do espaço urbano pelos jovens; o mundo do trabalho e as transformações que a sociedade vem enfrentando; informação e comunicação relacionada à prática diária do jovem e temas que discutem a cidadania e a participação democrática da juventude. Além de discutir assuntos que interessam à juventude, essas unidades constituem-se como base para a formação e inclusão dos jovens que estão envolvidos no Programa de Inclusão de Jovens (Projovem).

Durante o curso, os educandos fazem um exercício prático de cidadania para conhecer melhor a realidade social da comunidade em que vivem; reconhecer seus direitos sociais; vivenciar atitudes cooperativas e solidárias voltadas à melhoria da qualidade de vida. Dentro das Unidades Formativas os educandos fazem um diagnóstico dos principais problemas da comunidade e, a partir dele, vão elaborar o PLA – Plano de Ação Comunitária, que será executado, avaliado e sistematizado entre os educandos.

Como os educando entrevistados estavam no Projovem a quatro meses, os mesmo ainda não tinham vivenciado todas as Unidades Formativas. Mesmo assim

procuramos saber que tipo de aprendizagem esses educandos adquiriram nesse período. Tivemos como respostas:

Aqui uma vez por semana a galera se junta no anfiteatro e rola uma aula todo mundo junto, ai todo mundo se comunica com todo mundo e todo mundo conhece todo mundo, isso é que é o legal de ta no projóvem, porque é uma inclusão de jovens pra todo mundo ser amigo e isso que eu acho legal, porque na outra escola quando eu estudava era cada um por si... E o que eu acho diferente aqui é que os professores são gente fina geral, tanto aqui dentro quanto fora daqui, se a gente precisar de alguma coisa sem ser da escola, a gente liga pra eles, eles dão maior apoio a gente, isso ai é 100%.(Educando A)
A professora de qualificação profissional ensina muito sobre o trabalho, os direitos que eu não sabia e eu to sabendo agora. Aprendi a escrever direito a ler também que pedem muito e se comportar na sala de aula e também a dialogar com as pessoas.(Educando B)

É como eu tinha falado, dialogar bem com as pessoas, a se comportar no ambiente. Aprendi a trabalhar em grupo e participar de palestras que tem aqui.(Educando C)

Eu me relacionei mais com pessoas, eu converso mais com as pessoas, sou mais aberta com todo mundo e antigamente eu era mais fechada e agora não, eu aprendi ser mais realista. (Educando D)

A ler, a escrever melhor, errar menos na escrita, ler melhor, não gaguejar muito e a noção de profissionalização. (Educando E)

De acordo com as respostas obtidas, percebemos diferentes tipos de aprendizagens desses alunos. Alguns não percebiam a importância da qualificação profissional e depois que entraram no ProJovem tiveram essa noção. Além disso, muitos afirmaram ter melhorado seu relacionamento com os colegas e professores, perdendo a timidez e se envolvendo mais em atividades coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante tudo que analisamos, percebemos a relevância e a urgência em assegurar uma visão integral das políticas sociais para envolver os diversos setores da comunidade, políticas estas que atendam jovens com diferentes motivações e formas de aprendizado.

A exigência do mercado hoje gerou uma competitividade que visa apenas o lucro e não o ser humano. Há uma exigência de experiência e profissionalização dificultando o ingresso e permanência dos jovens no mercado de trabalho. Faz-se necessário prepará-lo melhor para assumir postos, com uma capacidade de intervir e contribuir não só na produção como também na sociedade.

Os resultados das análises nos revelaram a necessidade de aprofundarmos nossos estudos sobre as temáticas abordadas, pois com as transformações da sociedade e do mercado de trabalho, as motivações e as necessidades de aprendizagem dos jovens vão mudando de acordo com as possibilidades delineadas durante o percurso destes na sociedade. Daí consideramos, importante que a intervenção do pedagogo se ajuste a essa realidade, ou seja, deve se adequar ao que os educandos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem para que se constitua em uma verdadeira ajuda educativa.

Durante a nossa trajetória de análise das entrevistas realizadas nesse trabalho vimos que muitos dos educandos tiveram diferentes motivações para regressarem aos estudos. Constatamos que a bolsa oferecida pelo ProJovem não se apresentou como um fator principal para o retorno à escola e sim a necessidade de concluir o ensino fundamental em um ano e ingressar mais rápido no ensino médio e conseqüentemente no mercado de trabalho.

Vimos também que a forma como o professor transmite o conteúdo, se posicionando como um mediador e reconhecendo as necessidades cotidianas dos educandos jovens, é outro fator que facilita na aprendizagem, implicando na permanência e a continuidade nos estudos.

Além disso, constatamos que a maioria dos entrevistados demonstrou preocupações com a questão da qualificação profissional, reconhecendo a importância dos arcos relacionados à profissionalização.

Podemos concluir que os comportamentos que levam à satisfação de uma necessidade também são resultantes da aprendizagem, pois quando o educando satisfaz uma necessidade, ele adquire novas maneira de lidar com situações que

posteriormente surgirão na sua trajetória acadêmica. Portanto, a aprendizagem é responsável pelo aparecimento das atividades adequadas para a satisfação das necessidades, como por exemplo, continuar estudando para satisfazer a necessidade de se qualificar para o mundo competitivo do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, República Federativa do. **Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária - PROJOVEM**. Disponível em <www.ProJovem.org.br> Acesso em 03 de Janeiro de 2008.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Fundamentos da Psicologia educacional**. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38ª d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MURRAY, Edward J. **Motivação e emoção**. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1973.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 2000.

PRESTES, Emília M. T. **Educação de Jovens e adultos, política de qualificação do trabalhador e aprendizagem ao longo da vida: relações híbridas.** 2007 – em processo de publicação.

PROJOVEM. Disponível em:

<http://www.projovem.gov.br/html/ocurso_unidades.html> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2008.

VERNON, M.D. **Motivação humana: a força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações.** Editora Vozes, Petrópolis- RJ, 1973.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.